

O Sistema Literário Galego no seu ano zero contemporâneo

(1977) e o mundo lusófono. A revista *Teima*^[1].

Roberto Samartim

Grupo Galabra (USC)

Esta comunicação tem como principal objetivo estudar os contatos, as presenças e as relações intersistêmicas do Sistema Literário Galego emergente e o mundo da lusofonia e, mais concretizadamente, Portugal (com quem, genericamente, é enunciado manter identidades fortes e complexas) Ao longo da nossa exposição tentaremos localizar no Sistema Literário Galego de 1977 (em concreto na revista *Teima*) alguns dos elementos suscetíveis de serem entendidos como exemplificadores dos contatos que este sistema periférico mantém com seu correspondente português^[2].

É selecionado para o seu estudo e caracterizado como 'ano zero' 1977 porque neste ano estão presentes as linhas centrais sobre o Sistema provenientes da época da Ditadura, e porque no dia 15 de Junho desse ano tiveram lugar as primeiras eleições democráticas no Estado Espanhol após o fim do regime franquista; uma cala no Sistema Literário Galego deste ano pode permitir, pois, fixar as expectativas que os agentes, os grupos e as estruturas que nele intervêm tenham no futuro de democracia incerta que se avizinha.

Com efeito, o ano de 1977 significa um fato destacado no processo histórico conhecido por *Transição* espanhola, período este compreendido em sentido extenso entre a morte do general Franco em 20 de Novembro de 1975 e o ingresso do Estado Espanhol (juntamente com o Português) na antiga Comunidade Económica Européia em 1 de Janeiro de 1986. Com esta entrada na atual União Européia, o Reino da Espanha ia equiparar-se definitivamente com as democracias ocidentais do seu contorno, e é concretamente neste ano de 77 quando tem lugar um fato essencial no processo da Transição espanhola: a celebração das eleições de 15 de Junho que deram a vitória à União de Centro Democrático do até o momento presidente por designação real Adolfo Suárez e levaram para o âmbito extraparlamentar e periférico a qualquer expressão de

nacionalismo galego. Será a partir destas eleições quando se inicia no Estado Espanhol um processo constituinte caracterizado pelo pactismo e o consenso entre as forças políticas representadas nas Cortes: o primeiro Pacto da Moncloa é de outubro desse ano (o segundo é de dezembro do ano seguinte) e com ele nasce o desenho do atual Estado Autônomo, de cuja gestação ficam de parte a totalidade das organizações políticas de obediência exclusivamente galega enquanto que se produz a progressiva galeguização dos partidos políticos de âmbito estatal, tanto do espectro da esquerda como da direita.

Escolhemos para estudo a revista *Teima* porque esta publicação foi criada *ad hoc* para informar desde um setor do galeguismo de esquerda num período percebido como de profundas transformações estruturais e constitui um elemento institucional e lugar privilegiado para o acolhimento de propostas, críticas e toda a classe de informações sobre o Sistema Literário Galego, assim como para verificar até que ponto eram elevados os desejos de mudança deste grupo e quais eram os objetivos que queriam alcançar. Pensamos que com a análise da presença portuguesa nesta publicação tão singular poderemos deitar alguma luz sobre como entendia o relacionamento do sistema galeguista com o mundo que o português criou um grupo reduzido mas culturalmente muito ativo da Galiza da época.

O Sistema Literário Galego em 1977

Como é habitual em situações de dependência sociocultural, política e econômica como a que se verifica na Galiza da ditadura franquista, o campo literário funciona como o espaço privilegiado para que os diferentes agentes comprometidos com a superação desta situação formulem as suas propostas reivindicativas. É precisamente devido à quase inexistência de espaços institucionais próprios para a participação político-social que os produtos literários cumprem uma função declaradamente pragmática, em atenção à qual se prima o conjunto repertorial conhecido como *realismo social* a causa do seu valor de denúncia duma realidade que se entende negadora e opressiva. Isto é, os produtos literários funcionam ou podem circular nessa situação como elementos de exaltação nacional(ista) e de classe, e em concreto o livro em galego converte-se num sinal de militância ideológica e *resistência cultural*, num objeto de culto, no elemento fundamental duma liturgia coletiva que gira em volta do Texto Nacional-Popular. As

palavras do professor Xoán González-Millán ^[3] devem evitar maiores comentários sobre este particular:

[As] décadas posbélicas [...] ofrecen un inventario detallado das múltiples funcións asignadas ao discurso literario como un instrumento privilexiado de resistencia cultural. Cos precedentes da poética de Rosalía de Castro ou os versos cívicos de Curros, os mundos literarios daqueles anos xiraban en torno a espacios imaxinarios moi específicos: as memorias dunha infancia rural ou as experiencias dunha longa noite de silencios ^[4]. Determinados textos funcionaban como arquetipos temáticos e formais, canonizados dende os varios sectores do nacionalismo cultural e político como a única transcripción posible da 'realidade galega'. Esta selección derivaría na lóxica exclusión ou marxinación doutros textos con mundos imaxinarios menos 'realistas' ou 'miméticos'; eran os anos dunha poética testemuñal, que continuaría, cada vez máis cuestionada, na década dos 80. As condicións socioeconómicas e culturais parecían esixir o cultivo desta poética e unha práctica interpretativa que subliñaba o peso sociopolítico dos códigos literarios.

E se isto é esencialmente assim entre os anos cincuenta e os primeiros setenta, não é menos certo que a partir da segunda metade da década de setenta vão ir imergendo no Sistema Literário Galego novos elementos repertoriais que diversificam, sobretudo na poesia, a natureza dos produtos com respeito às décadas anteriores. Todavia, o sistema literário galego de 1977 nutre-se principalmente da *Tradição* fornecida pelos seus clássicos a causa do caráter essencial a eles atribuído como conformadores da identidade nacional, e utiliza de maneira episódica a *Importação* de materiais doutras literaturas ocidentais por meio da perceptiva tradução para o galego (baliza lingüística esta que define um produto como fazendo parte do sistema literário galego em oposição a outro qualquer, uma norma sistêmica pois) sem conseguir suprir com isto uma *Produção* que se percebe ainda como insuficiente e centrada sobretudo na poesia.

Mais em concreto, e utilizando como mostra o central gênero poético, o ano de 1977 vê sair do prelo compostelano de Follas Novas duas obras que recolhem o trabalho de dois grupos de jovens poetas empenhados em renovar o discurso literário na Galiza. Falamos em *Cravo Fondo* e em *Alén*, dois projetos de intervenção no campo literário da parte duma nova geração de

produtores por meio do ensaio de novas dinâmicas de contestação afastadas do essencialismo doutros setores nacionalistas.

O grupo *Cravo fondo* – formado por Ramiro Fonte (nascido em 1957), Xavier Rodríguez Barrio (1954), Félix Vergara Vilariño (1953), os irmãos Xulio e Xesús M. López Valcárcel (1953 e 1955), Xesús Rábade Paredes (1949) e Helena Villar Janeiro (1940); produtores todos que já tinham antecedentes de participação utilizando materiais do social-realismo – nasce como tal neste ano 1977 com a intenção declarada de renovar totalmente o discurso poético galego por meio da fugida da poesia exclusivamente de oportunidade política, mas sem por isso renunciarem os seus membros ao compromisso com as classes populares e a compaginarem o rigor estético com a contribuição da poesia para a emancipação nacional e social da Galiza ^[5]. No "Manifesto" que abre o volume de apresentação deste grupo, depois de citarem Marx, Trostky ou Mao e explicarem a sua tomada de posição, os membros de *Cravo fondo* sintetizam a necessidade social duma poesia não necessariamente panfletária nas seguintes palavras: "O artista, o poeta deve servir á loita emancipadora, participar consciente e activamente no proceso revolucionario, ser fiel intérprete das arelanzas do seu pobo. E pra isso o artista o primeiro que ten que facer é ARTE".

Por seu lado, os poetas que conformam *Alén* – Miguel Anxo Mato Fondo (nascido em 1953), Xosé Ramón Pena (1956) e Francisco Salinas Portugal (1955); três estudantes da primeira promoção de filologia galego-portuguesa na USC que se posicionam agora por primeira vez no campo literário galego – indicam tanto com o nome elegido para a sua única publicação coletiva como com o modelo ortográfico utilizado nos seus poemas qual é o horizonte proposto para a literatura galega e quais são as referências culturais escolhidas pelo grupo. Por uma parte, o desejo de ruptura com o passado e a vontade de ir 'mais alá' na atualização de novos repertórios emparenta estes novos produtores com a tradição mais vanguardista da literatura galega na pessoa de Manuel Antonio, cuja influência tão evidente no poema de abertura elaborado por X. Ramón Pena a funcionar a maneira de mini-manifesto ^[6]:

Nós somos aqueles/ que vinhemos das cortinas de fume,/ adormecidos con murmúrios de guerras,/ cercados polos muros./ Fixemos mitos da música/ e quixemos falar coa voz das flores

umha vez./ Inventamos líderes,/ fomos vento,/ ronséis buscando relixión de escuma./
Escrevemos novos hinos/ enfundados no místico traxe/ do rock./ Somos así,/ ar tolo,/ furacán/
que busca árbores para arrincar./ Alén.

Por outra parte, o espaço cultural proposto polo grupo, o referente de reintegração no mundo português, é tão evidente na escolha do nome como da ortografia, adaptada ao modelo do português com o objetivo declarado de contribuir para a recuperação da identidade da Galiza por via da sua inclusão no espaço luso-brasileiro; a sua intenção é

facilitar aos leitores de expresión portuguesa a comprensión máis doada do galego escrito con vistas a un meirande intercambio cultural entre o aquén e o alén Minho. [...] Coidamos deste modo axudar, modestamente, ao espalhamento da nosa cultura num ámbito li[n]güístico no que a nosa identidade debe estar inserta para a súa total realización ^[7].

Os mesmos postulados parecen ser defendidos pelo responsável pelo prólogo, o escritor, professor e catedrático de língua e literatura galega na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela Ricardo Carvalho Calero (1910-1990), legitimando-se assim o carácter quase inovador no após-guerra civil da prática dos membros de *Alén* com o concurso dum membro destacado da geração de pré-guerra, quem, para além de fazer a apresentação da obra e do grupo, indica com as suas palavras como a erosão dos repertórios tradicionais da poesia galega faz que a crítica perceba como necessária alguma classe de renovação discursiva:

Hai indícios de que a poesia lírica galega, atolada na correioira cega da reiteración epigonal de esquemas esgotados, quere recuperar o seu pulo de sempre, esmorecido hoxe, para atinxir, se non os cumios hexemónicos desde os que dominou noutroa o traballo literario, candia menos umha posición de dignidade reconquistada, que a sitúe a nivel de igualdade en relación cos xéneros prosísticos agora instalados na preferencia do leitor.

Tal recuperación non será possível se os poetas non tenhen o valor de se afastar dos carreiros trilhados, onde xa non hai xeito de avanzar, para botar-se á procura de outros vieiros, non co vulgar e zopo afán de novidades gregarias, senón co nobre e lizgairo desexo de autenticidade persoal ^[8].

Devemos dizer ainda que tanto *Cravo Fondo* como *Alén* seguem o caminho aberto pela publicação no ano anterior dos *Mesteres* de Arcadio López-Casanova (nascido em 1942) e das obras *Con pólvora e magnolias* e *Seraogna*, respectivamente de Xosé Luís Méndez Ferrín (1938) e Alfonso Pexegueiro (1948). As obras destes três produtores circularam profusamente no ano de 1977 e são percebidas já na época como um algo de novo na literatura galega, percepção devida a que nas suas páginas convivem repertórios social-realistas com outros elementos culturalistas ou procedentes da modernidade anglo-saxônica dum T. S. Eliot ou dum Ezra Pound, juntamente com um intimismo mais marcante da parte dos *Mésteres* do que nas outras duas obras referidas.

Interessa ainda mais um comentário sobre estas obras de Ferrín e Pexegueiro porque ambas saem do prelo acolhidas ao Grupo de Resistência Poética *Rompente* criado em 1976 por Antón Reixa (nascido em 1957) e o próprio Pexegueiro, e onde participam, entre outros, Manuel María Romón (1956) e Alberto Avendaño (1957). Na sua primeira etapa, até 1978, *Rompente* promove reuniões, recitais e publicações de intervenção. Já como Grupo de Comunicación Poética, de 1978 até a sua dissolução em 1983, o projeto de *Rompente* faz-se mais ousado e provocador, acentuando a sua dinâmica de contestação através da incorporação de novos materiais como o audiovisual, o rádio ou a música, e convertendo-se assim num experimento cultural clara e propositadamente insurgente dentro da Galiza da Transição.

Contudo, juntamente com a reivindicação efêmera e periférica da parte dos membros do grupo *Alén* do eu lírico, da vanguarda histórica e dum novo espaço cultural para a Galiza no mundo português; com as tentativas de conjugar rigor formal, esteticismo e compromisso sociopolítico dum não menos efêmero *Cravo fondo*; e mesmo com a vanguarda intervencionista de *Rompente* a jogar com humor e a fragmentação do discurso poético; no campo literário de 1977 estão sobretudo as numerosas reedições das obras canonizadas dos bates do 'Ressurgimento' decimonônico, tais como Rosalia, Curros ou Pondal, produtores todos que funcionam no imaginário mítico do público militante galego como referentes fundacionais e fundamentais da luta pela libertação nacional e social devido, como já foi apontado, ao peso sociopolítico que tinha na época (e do qual ainda não se libertou) o discurso literário na Galiza.

Enfim, em geral e para o que aqui nos interessa, no sistema literário galego do ano 1977 vemos que existem tentativas de renovação e incorporação de novos repertórios querendo romper

com a leitura monológica própria do social-realismo sem que isto signifique o abandono das linhas discursivas tradicionais que poderíamos qualificar como "épica da resistência". Esta tendência ao abandono do discurso estritamente social e político não só se percebe nos produtores que agora se somam ao campo literário; também destacados representantes da poesia social nos anos anteriores, como Manuel Maria (nascido em 1929), militante do comunismo nacionalista com uma extensa obra poética e dramática publicada já naquela época, tira do prelo em 1977 os seus *Poemas ao Outono* e inicia assim uma mudança na sua linha poética anterior para uma veia intimista, nostálgica e elegíaca onde aparecem por primeira vez as lembranças do tempo passado e a recriação da infância que constituíram a temática central das publicações de anos posteriores [9]

Mas, para além disto, das informações que fornece *Teima* sobre o sistema literário galego de 77 deriva-se também o empenhamento dos produtores – sobretudo dos mais novos e fortemente politizados – em acabarem com a precariedade em que se encontram todos os elementos do sistema, a começar pelo mais básico e prévio da codificação do galego e a sua adaptação para a incorporação como matéria nos planos de estudo no ensino não universitário. Da precariedade do sistema é boa mostra que apesar da Lei General de Educação de 1970, onde se contemplava a introdução das "lenguas nativas" como matéria no sistema de ensino, a inclusão da língua da Galiza no curriculum escolar terá de aguardar até o início dos anos 80, enquanto que na universidade, a primeira promoção de licenciados em Filologia, seção Hispânica, subseção galego-português, da qual como já foi indicado fazem parte os membros de *Alén*, só sairá em 1978.

Juntamente com a prioridade do idioma, os agentes que intervêm no campo literário galego de 77 tentam subsanar outros déficits; desde a articulação da imagem social do escritor, como indicam as informações aparecidas em *Teima* sobre as tentativas (fracassadas) de criar nesse ano a seção galega do Pen Clube internacional, até a preocupação por conseguir a presença e circulação no mercado de obras em galego ou para ele traduzidas não estritamente de criação (tema central na Feira do Livro celebrada em Vigo nesse ano). Em geral, a consciência de que "todo estava por fazer" percebe-se nas várias tentativas de posta em andamento de novas

instituições que querem contribuir para a normalização lingüística e cultural da Galiza perante a inoperatividade de instituições oficiais como a Real Academia Galega (RAG).

Enfim, os agentes que participaram no Sistema Galego neste ano de fundas transformações sociopolíticas também se posicionaram perante a nova realidade e, persuadidos das novas expectativas que o novo quadro institucional abria para a sociedade e a cultura galegas no futuro mais próximo, questionaram-se sobre as deficiências do sistema cultural e refletiram sobre a maneira de as superarem e os vazios que deviam preencher.

Teima

Precisamente com a intenção de preencher todos os espaços possíveis nasce em meados de dezembro de 1976 o semanário de informação geral intitulado *Teima* ^[10]. Sob o lema "un semanario para un país", *Teima* é a primeira publicação monolíngüe em galego após a morte de Franco que pretende chegar a um público alargado. Na sua breve existência (de dezembro de 1976 a agosto de 1977 em que saíram os seus 35 números) e para além da informação política, o semanário reserva um espaço específico para a informação e a análise cultural do ponto de vista da nova geração de produtores enquadrados no nacionalismo rupturista da esquerda; quer-se dizer esquerda ativa politicamente desde os anos sessenta, declaradamente não pactista com os agentes do anterior regime e defensora duma verdadeira "ruptura" democrática que passava na época pelo rejeitamento da herança monárquica da ditadura, pela assunção do carácter colonial da relação Galiza-Espanha e, conseqüentemente, pelo exercício do direito à autodeterminação e a posterior formulação dum pacto federal entre os vários povos peninsulares (também Portugal); portanto, em oposição aos postulados da esquerda de obediência estatal comprometida com a Transição.

Apesar da aspiração declarada de dar voz a todo o progressismo galego, *Teima* não conseguiu fugir ao enfrentamento vivido na altura entre o PSG e a UPG. O primeiro era um partido basicamente de quadros defensor de posições social-democratas e apoiava diretamente um projeto editorial com um público alvo formado pelos mesmos profissionais liberais galeguistas e classes médias universitárias que formavam a sua militância. Enquanto que a UPG era um partido declaradamente comunista com umas bases muito ativas vindo do trabalho na clandestinidade, comprometido em várias das mobilizações populares que neste ano se produzem

na Galiza, que sofre na época a primeira excisão da sua linha mais rupturista como conseqüência das primeiras tentativas de adaptação da direção ao novo quadro legal e, sobretudo, que se coloca em aberto confronto com o semanário [\[11\]](#).

Perante estas tentativas de monopolizar e dirigir todo o leque da esquerda nacionalista galega, *Teima* posiciona-se ao lado do galeguismo progressista mais facilmente enquadrável no novo regime. Não é por acaso que esta revista foi iniciativa da "Sociedade Galega de Publicacións" presidida por Domingos Garcia-Sabell (nascido em 1909), presidente também da RAG, intelectual galeguista na órbita do PSOE e senador por designação real após as eleições de junho. No conselho de administração da sociedade promotora encontramos também outros nomes vinculados como Garcia-Sabell ao galeguismo da década de 50: Fernández del Riego, Xaime Aller López, Jenaro Marinhas del Valle, etc.

Contudo, e apesar das evidentes vinculações entre *Teima* e esse galeguismo culturalista responsável pela criação da editorial Galaxia no ano cinqüenta, o nascimento desta publicação não deixou de despertar certas reticências nos agentes desse galeguismo de após-guerra organizado em volta da *Revista galega de cultura Grial*. Estas reticências a que fazemos referência são assinaladas pelo professor coimbrano Manuel Rodrigues Lapa em carta de 15 de janeiro de 1977 encaminhada para o membro da direção de Galaxia e *factotum* de *Grial* Francisco Fernández del Riego:

Quero agradecer-lhe o envio do número da revista galega *Teima*, título muito ajustado à proverbial teimosia do galego. Acho simpática a iniciativa, mas eivada de moléstia grave: é por demais evidente o seu carácter marxista, o que não augura nada de bom para a sua sobrevivência. O que a Galiza precisa é de socialismo moderado [\[12\]](#).

Este comentário do professor de Anadia não indica apenas as preferências políticas dum homem vinculado ao Partido Socialista Português; também é sinal duma situação não isenta de conflito entre o ativismo político dos jovens da esquerda e o trabalho quase exclusivamente intelectual da geração de cinqüenta; lembremos apenas neste sentido que o nacionalismo culturalista de Galaxia tinha renunciado à luta política e que por este motivo era questionado

pelas gerações mais novas, que não o aceitavam pacificamente como continuador da linha do galeguismo histórico dos homens da Geração "Nós", a geração perdida para sempre com a Guerra Civil de 1936. Bom exemplo desta situação, que Rodrigues Lapa interpreta como um verdadeiro "conflito de gerações", é a carta que este dirige a Fernández del Riego em 17 de Outubro deste ano 1977:

Vim da Galiza muito impressionado com o seu desalento e desespero. O que está acontecendo em Espanha, acontece em Portugal, acontece em todo o mundo. É um conflito de gerações: os novos não compreendem, não querem saber dos velhos, a quem acusam dos males que estão sofrendo. Propõem-se criar um mundo melhor, à sua medida, e para isso alistam-se num partido de extrema-esquerda! Esta loucura passará, como têm passado muitas outras; mas está fazendo muitos estragos [\[13\]](#).

Enquanto esta "loucura nom passa", *Teima* recolhe as aspirações destes agentes mais novos e, para além da cobertura da informação sociopolítica e económica da Galiza, a publicação reserva o apartado "Resto do mundo" para atender sobretudo aquelas realidades que funcionam no imaginário galeguista como referente na luta pela emancipação nacional e social, tais como Irlanda, Gales, o Quebec ou Puerto Rico. Dentro deste apartado, e sob a epígrafe "Pobos Ibéricos", ao pé de noticiar as atividades dos movimentos nacionalistas de, sobretudo, Catalunha e Euscádi, aparecem ao longo da vida da revista numerosas informações sobre *o momento político português*, destacando especialmente o informe de sete páginas incluído no número 20 (de 28 de abril a 5 de maio) dedicado à situação do país vizinho transcorridos três anos da revolução dos cravos de 25 de abril. O maior número de ocorrências do referente português nesta publicação documentam-se precisamente neste campo sociopolítico, já que Portugal funciona nas páginas de *Teima* como um país próximo física e culturalmente em que a esquerda protagonizou as mudanças nas estruturas sociais que também se querem para a Galiza.

Por outro lado, a revista não reserva para a cultura apenas as cinco páginas que ocupa o espaço intitulado "Teima Cultural", podendo-se também encontrar preciosas informações sobre este âmbito na entrevista semanal intitulada "Conversa", na seção de "Opinión", na descontraída "Vieiros", na mais brincalhona do "Fiadeiro" ou nas "Cartas a dirección". No que ao campo da cultura diz respeito, o semanário dedica especial atenção à literatura, ao cinema, às artes plásticas

tais como a pintura e a escultura, a arquitetura e o urbanismo, a dança e a música, no que interpretamos como uma tentativa de contestação geral não apenas limitada aos repertórios e materiais estritamente literários até então utilizados no campo de produção cultural galeguista. Dentro destes vários materiais, *Teima* dedica especial atenção à música e, mais em concreto, ao "movimento da música popular galega" herdeiro de "Voces Ceibes" e, tal como ele, mais preocupado com a função da mensagem revolucionária que com o valor estético do produto. Neste sentido, o referente da música portuguesa funciona como modelo a imitar por ter conseguido o equilíbrio entre a mensagem que se quer popular e o resultado formal esteticamente elevado; não deve surpreender pois que no seu número 1 (de 16 a 23 de dezembro de 76) as páginas centrais da publicação sejam ocupadas por uma entrevista de José Afonso e Vitorino por ocasião da sua gira pela Galiza, ou que seja Luís Cília o entrevistado na página 32 do número 18 correspondente à semana compreendida entre 14 e 21 de abril.

Mas sem dúvida, e tal como já foi adiantado, a posição central nos debates sobre política cultural que se produzem no sistema galego, e nas páginas da revista a partir do número 6 (de 20 a 27 de janeiro), é a problemática que se deriva da necessária codificação lingüística com vista à que se supunha imediata inclusão da matéria de língua galega no sistema de ensino; sem esquecer tampouco o papel, como norma sistêmica ou não, que a língua da Galiza deveria desempenhar no sistema literário galego de 77.

Assim, no tocante à *codificação lingüística*, a relação da variante galega com a portuguesa vai ser motivo recorrente em qualquer um dos dois posicionamentos que se documentam na revista sobre uma questão que se entende aberta, que na altura se deseja resolver por via do consenso e que ainda não foi totalmente solucionada nos nossos dias.

A publicação difunde as normas provisórias elaboradas em 1971 pelo Instituto da Língua Galega dependente da Universidade de Santiago de Compostela para corrigir as normas que a RAG publicou em 1970 e deixar assim em evidência a falta de reconhecimento da *auctoritas* da Academia. Isto não é estranho já que a revista conta com a assessoria lingüística de Rosario Álvarez Blanco e Francisco Fernández Rey, ambos pertencentes a esse Instituto universitário e ambos defensores da consagração dum modelo popular baseado na recuperação da língua falada com base no código do espanhol; mas mesmo nem por isso eludirem o recurso à, para eles, "língua irmã" portuguesa como modelo de correção para uma língua popular que reconhecem

interferida pelo castelhano. Assim mesmo, *Teima* também dá acolhimento a posições que não aceitam a homologação do registo popular castelhanizado e o código do espanhol como base para a elaboração da língua estándar e defendem a integração do galego no tronco luso-brasileiro, aqui única garantia de sobrevivência do idioma em clara oposição ao castelhano.

Em qualquer caso, o que nos interessa destacar aqui é que estas duas posições ainda não têm o carácter antagónico que tomarão no futuro, quando a maioria de centro-direita do Parlamento autonómico galego imponha a postura popularista como norma institucional e a censura de toda heterodoxia lingüística representada polos postulados reintegracionistas.

No ano 1977, a questão das relações entre as culturas dos dois povos do ocidente peninsular e das implicações deste relacionamento para a orientação cultural da Galiza é encarada publicamente nas páginas de *Teima* numa maneira pacífica, reconhecendo-se geralmente o déficite que supõe para o sistema cultural galego o desconhecimento do mundo português e, em positivo, os benefícios que a aproximação cultural proporciona à cultura galega, e defendendo-se teoricamente, com mais ou menos hesitações, a formação dum sistema cultural comum em que a norma galega conviva em igualdade com a portuguesa e a brasileira.

Para exemplificarmos este ponto seleccionamos duas informações aparecidas em *Teima* que consideramos significativas pelo que têm de invocação de elementos legitimadores e explicação de como se entendia na revista o relacionamento galego-português. Em primeiro lugar, num artigo inserido na pág. 32 do n^o 16 (de 31 de março a 6 de abril) noticia-se a celebração da homenagem galego-portuguesa a Teixeira de Pascoaes no centenário do seu nascimento, detectam-se os déficits de que falávamos acima e reivindica-se o galeguismo histórico dos homens do pré-guerra como exemplo a imitar no intercâmbio cultural galego-português:

TEIXEIRA DE PASCOAES representa a imaxe do intelectual portugués [sic] que descobre a cultura irmá de Galicia e traballa por máis estreitos vencellos entre os dous pobos.

"É tráxico e fondamente estéril –decia nestas mesmas páxinas XAVIER ALCALÁ [agente do integracionismo nessa altura] hai uns números - *a pouca e mala informacion que témo-los galegos dos escritores portugueses e brasileiros. Esquecemos deste xeito unha das fontes de alimentación e, ó*

mesmo tempo, unhas posibilidades de espallar e enriquece-la nosa cultura das que non somos conscientes"

Os homes das "Irmandades da Fala", os homes da xeración "Nós" entenderon moi ben, nembargantes, estas relacións. Foi a partires deses anos cando se comenzou a traballar seriamente por estreitar lazos entre as dúas bandas do Miño. TEIXEIRA DE PASCOAES representou, na banda portuguesa, o sector máis receptivo ós nosos problemas (itálico no original)

Em segundo lugar, no artigo aparecido nas p. 30-31 do nº 24 do semanário (de 26 de maio a 2 de junho) José Martinho Montero Santalha, assessor da revista para temas eclesiásticos e declarado partidário da aproximação lingüística galego-portuguesa, festeja "Os 80 anos de Rodrigues Lapa", propõe a celebración duma grande homenagem da cultura galega ao ilustre professor ainda pendente, faz a semblança do labor pró-galeguista do estudioso português e tenta esclarecer os puntos mais conflituosos da proposta do intelectual coimbrano a um público ligeiramente mais extenso do que até o momento tinha acceso às ideias do velho professor, apoiando-se para isso em nomes de indiscutida autoridade como o do catedrático compostelano Ricardo Carvalho Calero:

Nos últimos anos [Lapa] leva escritos varios traballos sobre a integración lingüística galego-portuguesa.

A publicación do primeiro deles na revista *Grial* en 1973 ^[14] provocou a reacción dalgúns bos galegos, temerosos de que a invitación de Lapa nos esixe ós galegos renunciarmos á nosa propia personalidade cultural. Hoxe parece que as augas corren xa máis claras; poden valer como mostra as consideracións, tan clarividentes, de Carballo Calero no último número de *Grial*.

[...]

O que propugna [Lapa] non é un entreguismo da cultura galega nos brazos do portugués, senón unha integración de ambas áreas idiomáticas nunha única lingua literaria. Nesta operación el non sobrentende que os galegos debamos renunciar a tódalas nosas peculiaridades id[i]omáticas (que son, aliás, escasas), tanto morfolóxicas coma léxicas, e menos aínda fonéticas (itálico no original).

Montero Santalha reivindica aquí o papel de Rodrigues Lapa como agente ativo do galeguismo e envia para a presenza de Portugal em *Grial* porque no primeiro número que a revista do galeguismo culturalista de após-guerra tira do prelo em 1977 Rodrigues Lapa discursa

sobre a criação dum espaço cultural comum galego-português num artigo intitulado "Otero Pedrayo e o problema da língua"; Carvalho Calero defende a doutrina instituída desde as origens do galeguismo da identidade essencial galego-portuguesa em "Murguia contra Valera" e Salvador Lorenzana, um dos pseudónimos utilizados habitualmente por Francisco Fernández del Riego, reivindica a um amigo da Galiza "No centenario de Teixeira de Pascoaes". Não é estranho, pois, que Rodrigues Lapa escreva em carta a Del Riego em 24 de Abril que

esse nº 55 ficará como um marco histórico, não só pelo meu artigo, mas ainda pelo seu e pelo de Carballo Calero sobre a polémica entre Murguía e Valera, em que este tinha carradas de razão. Os três artigos rumam na mesma direcção: o renascimento auspicioso da velha comunidade galego-portuguesa sob o signo da língua comum, que terá de ser, para uso literário, uma língua de cultura e não um simples

[\[15\]](#)
dialecto desfigurado pelo castelhano .

No fundo destas palavras de Rodrigues Lapa está o hesitante desejo dos galeguistas de 50 de construir, com a língua comum como principal material aglutinante, um intersistema cultural galego-luso-brasileiro que garanta a suficiência sistêmica da cultura galega em contra do referente de oposição castelhano, mas este intersistema que pretendem os mais velhos não entra dentro das prioridades que se colocam os novos agentes defensores do carácter popular da cultura galega, para os quais Portugal funciona bem mais claramente como referente sociopolítico que como equivalente lingüístico-cultural, por mais que, retoricamente, se alegue desde essa posição a continuidade histórica nesse ponto com o elemento legitimador por excelência, o galeguismo dos homens de pré-guerra; ao menos no que a intercâmbio cultural galego-português diz respeito, é o culturalismo de *Grial* quem continua mais frontalmente com o legado da Geração Nós.

Percebe-se pois, uma certa homologia entre o projeto político defendido pelo nacionalismo da esquerda ligado a *Teima* e os materiais culturais propostos, já que este nacionalismo popular expressa-se em termos culturais na exaltação da condição do povo oprimido, o que contribui para que tanto a crescente incorporação de novos materiais se faça ainda na base da continuidade dos elementos repertoriais vindos da literatura de resistência de sessenta, como para que não se reforce a própria produção ou se impugne o sistema espanhol na base dos elementos comuns ou transferidos do mundo lusófono.

Em geral, neste ano de 1977 os agentes que intervêm no sistema estão tomando posições a respeito dos grandes temas que (pre)ocuparão nos anos seguintes às pessoas comprometidas com a normalidade cultural da Galiza, e que agora já se vão colocando por cima da mesa como sinal evidente da consciência da precariedade lingüística e cultural em que o sistema se desenvolve. O desejo de superação desta precariedade mostra-se, enfim, na detecção de toda a classe de deficiências e na vontade explícita de as superar.

[1] Este trabalho foi parte do Projecto "Portugal e o mundo lusófono na Literatura Galega dos últimos trinta anos" do Grupo GALABRA – USC, parte do qual subsidiado pola Junta da Galiza PGIDT01PXI20414PR.

[2] A nossa perspectiva é contribuímos para a planificação cultural das relações entre a Galiza e Portugal (e, por extenso, com a Lusofonia no seu conjunto) a partir da localização dos tópicos e estereótipos atuantes, sempre na base dos benefícios derivados das potencialidades culturais e sociais que os repertórios e elementos comuns permitem, em especial os materiais lingüísticos e culturais compartilhados em que se (re)conhecem ambas as duas comunidades. *Vid.* especialmente nestas mesmas Actas o trabalho do Dr. Elias J. Torres Feijó, *Sistemas Emergentes, Intersistemas Culturais: O Estudo do Mundo Lusófono no Sistema Literário Galego*.

[3] GONZÁLEZ-MILLÁN, Xoán. *Literatura e Sociedade en Galicia (1975-1990)*. Vigo: Xerais, 1994. p. 10.

[4] González-Millán refere implicitamente aqui a narrativa de Neira Vilas e as suas *Memorias dun neno labrego*, de enorme sucesso na altura, e a obra de Celso Emilio Ferreiro, totalmente central na poesia de 60 e 70 e centrada na denúncia da *Longa noite de pedra* com que se identifica o franquismo.

[5] "[10] PUNTOS ESENCIAES DO GRUPO POÉTICO CRAVO FONDO. POR GALICIA; POLA POESÍA", *Cravo Fondo*, Santiago de Compostela, Follas Novas, 1977, s.p.

[6] [X. Ramón Pena], "Alén", *Alén*, Santiago de Compostela, Follas Novas, 1977, p. 13.

[7] "NOTAS DOS AUTORES", *Alén*, Santiago de Compostela, Follas Novas, 1977, p. 61. Esse mesmo objetivo leva aos autores a incluir no fim do volume um breve glossário de "VOCES GALEGAS PARA LEITORES LUSO-BRASILEIROS" onde também se procura "indicar a pronuncia galega a leitores luso-brasileiros" (*Ibidem*, pp. 62-63).

[8] [Ricardo Carvalho Calero], "LIMIAR", *Alén*, Santiago de Compostela, Follas Novas, 1977, p. 9.

[9] FONDO, Miguel Anxo Mato. *A mazá e a cinza*. Vila-Boa: Ed. do Cumio, 1991. p. 6.

[10] Editada em Compostela pola Sociedade Galega de Publicacións, S.A. e impressa por La Voz de Galicia, *Teima* está dirigida por Anxel Vence Lois e conta entre os seus redactores e colaboradores com Luís Álvarez Pousa, Víctor Fernández Freixanes, Xosé M^a García Palmeiro, Xavier Navaza Blanco, Manuel Rivas Barrós, Perfecto Conde Muruais, Guillermo Campos, Xosé Platero Paz, Alfonso Sánchez Izquierdo e Xulio Xiz. Na sua nómina de assessores encontram-se Carlos Casares, Salvador García Bodaño e Xosé Manteiga (Cultura), Enrique Aller e Fernando M. Randulfe (Direito Laboral), Ramón Barral, Xan López Facal, Xosé Manuel Beiras, Xoan Rous e Xesús Vega (Economia), Valentín Arias, Xurxo Torres e X. M. Espino (Ensino), Alexandre P. Camacho, Xoan X. González e Xosé M. Cabanas (Ecologia), Francisco Carballo, Xosé M. Montero Santalla, Alfonso Magariños e X. Chao Rego (Igreja), Xosé Marpía, X. M. López Nogueira, Santiago Lamas e F. X. Yuste (Medicina), o Equipo Trasmallo e Domingo Quiroga (Pesca), Mario Orxales, Xan Bouzada, Xosé P. Vilariño, Daniel Pino e Ricardo Palmás (Sociologia), César

Portela, X. L. Martínez e X. Bar Boo (Arquitectura-Urbanismo) e Ceferino Díaz, Claudio López Garrido e Avelino Pousa Antelo (Agricultura). *Teima* conta ademais com correspondentes em Madrid (Arturo Ruibal e Rafael L. Torre), Lisboa (Carlos Porto), Catalunya (Xavier Costa Clavell e Ramón Clemente), Euscádi (Gregorio Gálvez), Andalucía (A. Ramos Espejo), Paris (Ramón Luís Chao), Londres (Carlos Durán e P. Barreiro), Buenos Aires (Domingo Fernández), Santiago de Chile (Emilia Vázquez), Puerto Rico (Baldomero Cores) e Montevideo (Fernando Pereira). O departamento gráfico está composto por Manuel Yáñez (fotografía), Siro López, Xaquín Marín e Xosé Loquis (desenhos) e Mario López Rico (cartografía), enquanto que a supervisión lingüística da revista é encomendada aos profesores Rosario Álvarez Blanco e Francisco Fernández Rey, ambos membros do Instituto da Língua Galega dependente da Universidade de Santiago de Compostela.

[11]

Dentro do convulso mundo do nacionalismo da época e "a través da AN-PG [Asamblea Nacional-Popular Galega], o nacionalismo afín ideologicamente á UPG é quen de artellar e consolidar unha estrutura organizativa forte e estábel. [...] A AN-PG concíbíase, seguindo o modelo dalgúns movementos de liberación do Terceiro Mundo, como unha sorte de órgano provisorio interclasista e suprapartidario do que, unha vez conquirida a soberanía nacional, habería xurdir o poder constituínte galego, unha sorte de 'Asamblea nacional' que sería o xérmolo do poder popular. Porén, o crecente dirixismo político por parte da UPG dentro da AN-PG provocou un aumento das friccións con outros sectores nacionalistas, encabezados polo PSG, que tamén participaban na AN-PG e que preferían un modelo de dirección pluralista.

As tensións acabaron por provocar a esgazadura dun sector da Asemblea en abril de 1976. Os sectores escindidos (liderados por expulsados da UPG e militantes do PSG: entre outros, por X. López Facal, César Portela, Carlos Vázquez ou M. López Rico) crearon ao pouco tempo (outubro de 1976) a Asemblea Popular Galega (APG) [...] De feito, os principios da APG estaban máis próximos aos do PSG. Entre as dúas organizacións abriuse un período de colaboura, do que tamén sería expresión a revista *Teima*, publicada ao longo do ano 1977" (BERAMENDI, Justo G. e SEIXAS, Xosé Manoel Nuñez. *O nacionalismo galego*. Vigo: A Nossa Terra, 1995. p. 247)

[12]

LAPA, Manuel Rodrigues. *Cartas a Francisco Fernández del Riego sobre a cultura galega*. Edición e revisión das cartas Tiago Vidal Figueroa. Vigo: Galaxia, 2001. p. 357.

[13]

Ibidem, p. 359.

[14]

LAPA, Manuel Rodrigues. A recuperación literaria do galego, publicado em *Colóquio/Letras* 13 (Lisboa, 1973) 5-14, reproducido em *Grial* 41 (Vigo, 1973) 278-287 e recolhido no livro *Estudos Galego-Portugueses*, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1979, pp. 53-65; aquí podem-se encontrar vários artigos sobre a integração lingüística galego-portuguesa escritos pelo professor de Coimbra tanto nos anos trinta como na década de setenta.

[15]

LAPA, Manuel Rodrigues. Op. cit. p. 358. Também nos outros números de *Grial* desse ano encontramos uma forte presença do referente português: no n^o 56 (Abril-Junho) S.S. [Álvaro Cunqueiro] analista do ponto de vista do galego "O português de Valery Larbaud"; Francisco Luís Bernárdez passeia "Na casa de Teixeira de Pascoaes" como mostra da confiança dos intelectuais galegos que ele representa com o insigne português; e ainda se recensiona o poema que "Leite de Vasconcellos [dedica] "A Galliza". No n^o 58 (Outubro-Dezembro), por seu lado, G. [Ernesto Guerra da Cal?] dá notícia dos contatos culturais mantidos por Ramón Piñeiro na sua viagem ao Brasil em "Ramón Piñeiro: Presencia galega no Brasil" e também se recupera o contato vindo dos primeiros setentas com o concretismo brasileiro, já ultrapassado no Brasil mas que ainda funciona como elemento de inovação literaria e prestigiador na figura de Haroldo de Campos, na notícia sobre a "Vanguarda literaria: os concretistas brasileiros".